

O trabalho de Denise Agassi estuda interessante imbricação: aspectos da estética da base de dados, nas linhas gerais propostas pelo teórico Lev Manovich; e as implicações filosóficas da visão binocular. Se a estética da base de dados é identificada mais claramente como um fenômeno contemporâneo, dentro do contexto da cultura digital, a visão binocular foi fruto de um outro intenso impulso de transformação tecnológica: as revoluções científicas do início do século XIX.

Denise Agassi constrói uma dualidade inicial a partir do qual são alocadas diferentes facetas de um polígono mais complexo, expresso na disposição espacial de sua obra dentro do espaço expositivo. O Estreito de Gibraltar, também conhecida como “As colunas de Hércules” é o espaço geográfico em foco. Portal do mar Mediterrâneo, o estreito em questão assinala de forma simbólica a separação – ou união - dos continentes europeu e africano. A expansão colonialista ultramarina Ibérica se iniciou com a conquista de Ceuta em 1458, hoje um enclave espanhol em território marroquino. O fascismo franquista refez esta rota de modo inverso. O general Franco invadiu o território da República espanhola a partir do Marrocos, onde se amotinara contra o governo. Uma atualização mais recente deste tráfego continental está expressa na tensão ao redor das rotas de imigração, legal e ilegal. Além disso, o Estreito denota a separação do mar Mediterrâneo do oceano Atlântico, além de colocar a África como um Outro inseparável da Península Ibérica.

O local escolhido, portanto, traz uma zona de oposições e continuidades, por onde trafegam pulsos de expansão, predação, contração, retorno do descartado, restauração, destuição e reconfiguração.

Mas o ponto central que anima a obra é a qualidade da convivência das partes que constituem esta dualidade geográfica e histórica. Adicionada à dualidade Europa/África, encontra-se uma outra que se insere mais confortavelmente na estética da base de dados. As imagens escolhidas pela artista respondem à mesma palavra-chave de busca, mas trazem resultados diversos, já que emergem de bancos de dados distintos. Uma imagem do par é buscada no “pool” geral da internet, acessível através de buscadores comerciais de amplo acesso. A outra imagem do par é tirada do Google Earth, isto é, da modelização 3D do globo terrestre. Assim, as duas imagens retratam o mesmo lugar a partir do mesmo ponto de vista – mas a codificação da imagem é diversa, geradas como foram por diferentes dispositivos.

A disparidade resultante introduz o segundo aspecto, a binocularidade. Que a visão humana envolva os dois olhos sempre foi óbvio, mas o que é uma descoberta do século XIX é a qualidade da relação entre eles. Foi o século XIX (na figura de C. Wheatstone) que estabeleceu de maneira inequívoca que percebemos o mundo em três dimensões por causa da binocularidade. O estudo desse fenômeno se chama *estereoscopia* e teve amplas repercussões na cultura ocidental novecentista. Alguns autores chegam a falar da modernização do olhar a partir da mirada estereoscópica, que impõe uma passagem do um regime visual renacentista (cujo paradigma seria a câmera obscura) para um regime sintético, cujo paradigma é o estereoscópio. Para este segundo regime, a visão não se explica pelo estudo de relações geométricas externas ao olho, que era entendido como uma lente permitindo acesso transparente ao mundo. A partir do séc. XIX e dos estudos estereoscópicos, a visão passou a ser estudada como um fenômeno cerebral, fisiológico. Assim, não existe o ponto de vista unificado ilustrado pelo ápice do cone de

visão, sugerindo um observador fixo e único, típico da renascença e tradição estética subsequente: o que temos a partir dos estudos estereoscópicos é que a visão binocular resulta da síntese de dois estímulos *dísparos*. O que produz a percepção de volume e distância é a diferença entre o que vê um e outro olho, e não a convergência de raios de luz em um único ponto central. Assim, o observador moderno pode ser descrito como aquele que lida com estímulos visuais dísparos e procura combinar algum espaço viável diante de si.

Cabe notar que a operação cerebral que combina os estímulos de um e outro olho não envolve perda de informação. Operações como fusão ou sobreposição envolveriam o apagamento ou preservação de certas áreas de informação sobre outras. Não é o caso. A imagem tridimensional resultante da observação do mundo retém qualidade informacional em sua totalidade. A disparidade entre o estímulo gerado no olho esquerdo e o estímulo visual gerado pelo olho direito não é apagada nem propriamente resolvida, mas sim 'sintetizada': as partes dísparos reconfiguram suas diferenças literalmente "em outra dimensão", preservando-se como diferentes mas de alguma forma estabilizadas. Este 'observador moderno', constituído como uma nuvem dispersa entre dois polos de estímulo visual, ao invés de um ponto cartesiano de convergência, permitirá as expansões e reformulações das noções de visualidade e da própria subjetividade nos campos da filosofia, arte e ciência.

Portanto, as dualidades trazidas por Agassi não se resolvem por fusão, nem se encontram em um ponto médio equidistante das partes. Ao contrário, a observação permanece cindida, impossibilitada de alcançar uma zona de conforto dimensional. Este observador contemporâneo, estudado no trabalho, ademais, tem que lidar com codificações diferentes, com arquiteturas informacionais que nem sempre guardam espaço de diálogo entre si. No trabalho de Denise Agassi, o observador percebe que seus sentidos percorrem pelo menos dois campos instáveis, definidos por oposição inconciliáveis: a disparidade de códigos e a disparidade geográfica.

O espaço obtido no trabalho é, assim, um espaço subjetivo de alta instabilidade, onde dualidade e disparidade revolvem num vórtex perceptivo animadas por fugidias operações de síntese, negando ao observador um ponto fixo ou central onde se possa repousar e se reconciliar com um espaço unificado.

Gavin Adams

Texto crítico para exposição da Residência Artística Internacional LabMIS e Can Xalant - 2012.